



Tributo à **JULIA FALIVENE ALVES**

Socióloga, Jornalista, Escritora, Professora e Feminista

25/2/1944 – 25/5/2020

4ª
Semana
Nacional de
Arquivos

Tema: **Empoderando a sociedade do conhecimento**

JULIA FALIVENE ALVES nasceu em Campinas, em 1944, filha do Dr. Coriolano Roberto Alves, médico e psiquiatra, e de Ângela Falivene Alves, dona de casa. Segundo a professora, era a caçula de dois irmãos e uma irmã adotiva:



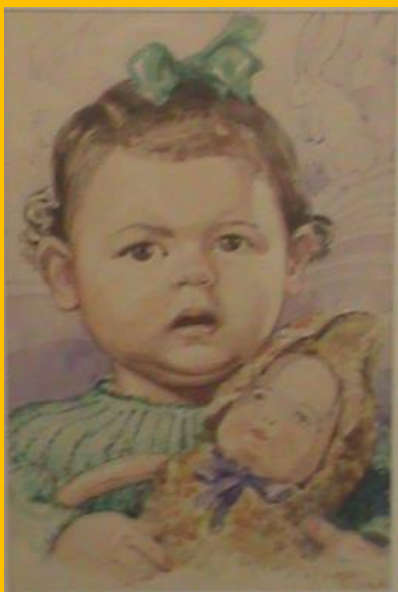
Na escola, desde o ginásio, eu descobri uma coisa importante e diferente na forma de ver e viver a educação. Isso pelo seguinte: eu, por timidez, não gostava de ir à escola e arrumava todos os jeitos para não ir. Qualquer dor ou um tempo frio ou chuvoso eram coisas suficientes para eu faltar. E os meus pais deixavam que eu faltasse, pois eu adorava estudar, mas sozinha. Naquela época os professores adotavam livros didáticos e muitos deles apenas repetiam nas aulas os seus conteúdos. E a gente ficava anotando tudo o que eles diziam e escreviam na lousa e, no entanto, o que eles queriam da gente, nas provas semanais (as tais *sabatinas*, porque eram feitas aos sábados, evidentemente), era a repetição do que o livro didático continha. E então eu pensava: por que eu tinha de sofrer tanto quando havia chamada oral? Até porque era constantemente chamada a ir lá na frente da classe, ou porque estudava muito e era bem vista por alguns professores ou, ao contrário, porque eu faltava muito e alguns queriam me testar.

Os pais da Julia Falivene Alves, noivos, acima, e ela com 7 anos, abaixo, em 1951
Fonte: ALVES, em 2017.

JULIA FALIVENE ALVES

percepção da educação pelo olhar da menina à professora

O Dr. Coriolano Roberto Alves lia, pesquisava e escrevia muitos artigos referentes à sua profissão, já o seu avô Amilar Alves foi dramaturgo e cineasta; mas Julia Falivene Alves considera que: *foi com a minha mãe que eu aprendi a escrever, deixando solta a imaginação:*



Eu ficava estudando em casa. Eu aprendi a aprender. Por que se eu fosse à escola, eu ia aprender a reproduzir o que o professor tinha me dito. Se eu fosse à escola, e eu não iria fazer perguntas, pois teria vergonha. Então eu lia e lia o que eu não conseguisse entender até que minha mente se esclarecesse. Como já mencionei, eu sinto que comecei a minha carreira de professora aos sete anos, só que as alunas eram bonecas. Eu lhes fazia a pergunta que era a pergunta que eu queria fazer para mim e, com isso, perceber se eu havia aprendido ou não. Quando começou a haver mudanças no pensamento pedagógico, as quais culminaram na LDB de 1996, eu pensei: *Puxa! O que eu fazia já era aprender a aprender!*

Desenho da professora, em porta retrato, quando criança. Fonte: Arquivo pessoal Julia Falivene Alves, em 2012

Ingressou em Ciências Sociais na PUC/Campinas e começou a participar da política universitária, dizendo “eu comecei a expandir meu universo: vi que a vida não era um filme de Hollywood e que o Brasil não era exatamente o que aparecia na TV [...]. Lembra-se que surgiu a Revista Claudia, com a seção – A Arte de Ser Mulher – de Carmem da Silva, cujas crônicas, contribuíram para mudar a sua vida:

A Carmen da Silva era tudo para mim. Por causa dela eu conheci Simone de Beauvoir e daí foi “abelha no mel”. Foi quando, então, eu comecei a minha militância na linha do feminismo e do socialismo. Tanto é que quando eu me formei e fui lecionar em Americana, para substituir uma professora de história e de OSPB, eu olhei o programa que estava sendo desenvolvido e pensei: - *Que coisa chata isso aí. Para que serve?* Como iniciante, eu não sabia que o programa elaborado por ela, que era a professora efetiva, tinha que ser seguido. Como ninguém me falou nada, graças a Deus, eu mudei tudo. [...] Eu mudei o programa. A nova programação era assim: Revolução e contra revolução. Ditadura: Fascismo e Nazismo. Explosão Demográfica e Natalidade. Machismo e Feminismo etc. Esses eram os temas das minhas aulas. Eu me realizava e os alunos gostavam. Só que quando a professora chegou, foi um escândalo! Ela foi lá mostrar para a Diretora, que era muito rígida. Quase não fui aceita para lecionar no ano seguinte.

Um anúncio para repórter no jornal Diário do Povo, em Campinas, e JULIA FALIVENE tomou coragem, fez o teste, e foi trabalhar no Suplemento Feminino realizando entrevistas com profissionais que se destacavam na cidade, em 1967, como a professora Naomi Vasconcelos, tinha concepções e práticas pedagógicas avançadas:

Ela não adotou um livro didático e não trabalhou conosco os filósofos utilizando a ordem cronológica linear, como se fazia na época. Não! Ela tocava em um assunto do momento ou nos perguntava sobre o que queríamos conversar. Às vezes, ela se referia a um filme, que algumas alunas haviam assistido, e envolvia todos os demais. Daí começava a discussão e, então, ela aproveitava as afirmações que fazíamos ou as nossas dúvidas e dizia: *Isso que você falou tem muito a ver com o filósofo tal, que lá nos idos tal falou assim e foi bem ou mal compreendido, mas que nos influenciou em tal aspecto, tal teoria etc.* Quer dizer, fomos aprendendo os filósofos com base na vida da gente, das coisas da vida, do ser humano, da época. Se não fosse ela, talvez eu, como professora, fosse chegar na sala de aula e fizesse a mesma coisa que os outros professores. Foi sorte que eu a tive como um modelo. E o segui muito bem.

Julia Falivene Alves: professora, jornalista e feminista

Em 1968, Julia voltou a trabalhar na escola de Americana e começou a escrever em outro jornal de Campinas – o Correio Popular – escrevendo artigos feministas.

Dois anos depois, já efetiva como professora em Pedreira, mas casada com um advogado e repórter de ascendência, decidem morar na Alemanha. Essa experiência de quase dois anos nesse país, possibilitou a professora ao retornar ao Brasil, recuperar o seu cargo.



Julia Falivene Alves, na Alemanha, em 1973.
Fonte: ALVES, em 2017.

O seu depoimento de história oral de vida, traz a fala de seus alunos sobre suas práticas escolares em sala de aula, ao dizer que ouviu:

Julia, você era a única professora que ficava na porta esperando para nos cumprimentar. Os outros ficavam sentados na cadeira, esperando a gente sentar nas carteiras.” ; “Você passava aqueles slides e a gente viajava com você. [...] Nunca me esqueci!

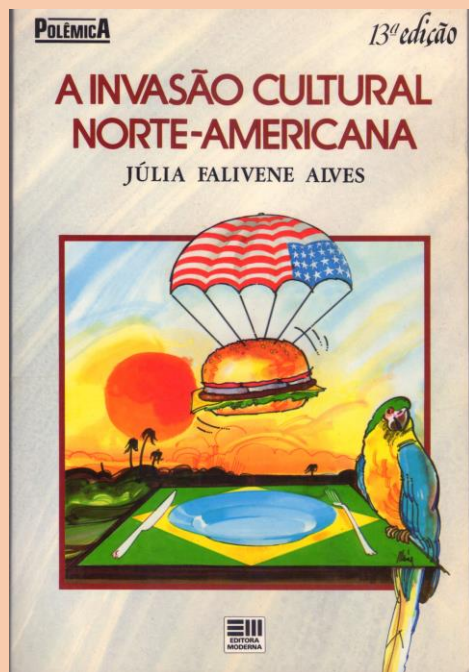
Julia Falivene Alves: como professora no Colégio Estadual MMDC



Foto 39: No centro, entre outros paraninfos, no Colégio Estadual “MMDC” na Mooca, em São Paulo, SP, onde fui muito feliz como professora.

Fonte: ALVES, em 2017.

JULIA FALIVENE ALVES conta como iniciou a carreira de escritora e o processo de criação do seu primeiro livro



A 13ª edição do livro mantém a capa original da 1ª edição, de 1988.

Fonte: Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica, em 2015.

Em 1986, eu fui convidada para escrever um livro sobre a invasão cultural norte-americana. Daí eu falei: - *Puxa vida! Por onde eu começo?* Eu nunca havia escrito um livro e, como por encanto, eu me lembrei de uma coisa que tinha lido em um daqueles diários dos internos do Hospital do Juqueri, onde meu pai trabalhava, que, na época era um hospital muito bom. Meu pai era muito humanista: ele era contra o choque elétrico e contra a lobotomia, práticas muito em uso na época. Ele achava que era conversando, socializando e dando oportunidade aos doentes de se expressarem pela arte, artesanato ou outros tipos de trabalho que eles melhorariam. Então, eu me lembrei de um versinho que eu vi no tal diário: "*Para os americanos tudo é OK. Tudo é OK! Queria ver só os americanos comerem pão com OK*" Veja só: eu me lembrei disso! Quando essa pessoa escreveu e eu li, eu era criança, devia ter uns oito anos. Eu me lembrei disso, em 1986, quando eu tinha 42 anos. [...] No Brasil, ao contrário, havia muita gente passando fome. Pensei: era isso o que o doente lúcido queria expressar e é isso que eu vou mostrar no livro sobre a invasão cultural norte-americana em nosso país. Afinal, eu vi essa invasão começar. Eu fui da geração que primeiro bebeu Coca-Cola no Brasil.

JULIA FALIVENE ALVES: professora, coordenadora e escritora

Ingressou na Coordenadoria de Ensino Técnico do Centro Paula Souza, em 1992.

O Centro Paula Souza começou a ser gerenciado com a Resolução N° 2.227, de 9 de abril de 1969, que constituiu a Comissão Especial para a elaboração do projeto de criação e plano de instalação e funcionamento de um instituto tecnológico educacional no Estado de São Paulo.

O ofício n° 169/69, de 14 de abril, do governador Roberto Costa de Abreu Sodré, ao presidente dessa comissão especial, já mencionava a importância que esta nova instituição daria para a formação de professores, ao descrever "a conveniência de instituir na capital uma escola superior de tecnologia e de formação de professores do ensino técnico.

(MOTOYAMA e NAGAMINI, 2004:26)



Julia quando ingressou no Centro Paula Souza, em 1992.

Fonte: Arquivo de Julia Falivene Alves

Julia Falivene Alves: professora, coordenadora e escritora no Centro Paula Souza



Julia Falivene Alves, a primeira à esquerda, com professores de historiografia, em 2002.

Fonte: Arquivo próprio, em 2020.



O projeto Historiografia está voltado para a produção de conhecimento sobre a história da educação profissionalizante; a construção de um acervo documental permanente, com banco de dados informatizados nas Unidades e na administração central, abertos ao público; o estímulo a posturas de respeito ao patrimônio histórico e cultural; o desenvolvimento de hábitos e ações de cidadania voltadas para a preservação de documentos significativos à construção de uma memória.

JULIA FALIVENE ALVES produziu a maioria de suas obras durante o período que atuou na Unidade de Ensino Médio e Técnico (1992 a 2011)

Algumas de suas obras:



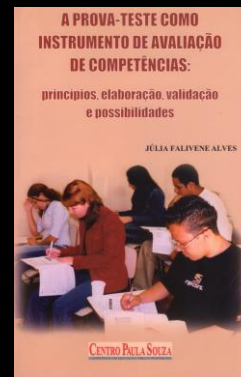
1992



1998



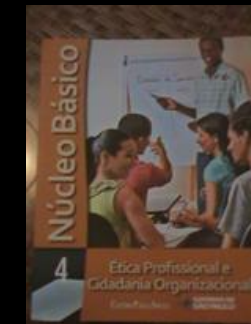
2002



2005



2008



2011



2013

Julia Falivene Alves refere-se à instituição, dizendo que:

Depois eu fui para o Centro Paula Souza e daí foi o ápice. O ápice da alegria de trabalhar em educação. Foi a melhor fase da minha vida. Agora estou revivendo algumas coisas que fizemos lá, nos livros que escrevo sobre educação.

Julia Falivene Alves foi professora responsável pela Disciplina História, Responsável por Projetos, integrante da Coordenadoria Pedagógica do Telecurso TEC e Coordenadora e Professora de Cursos de Formação Continuada em Práticas Pedagógicas no Centro Paula Souza (1992 a 2011)

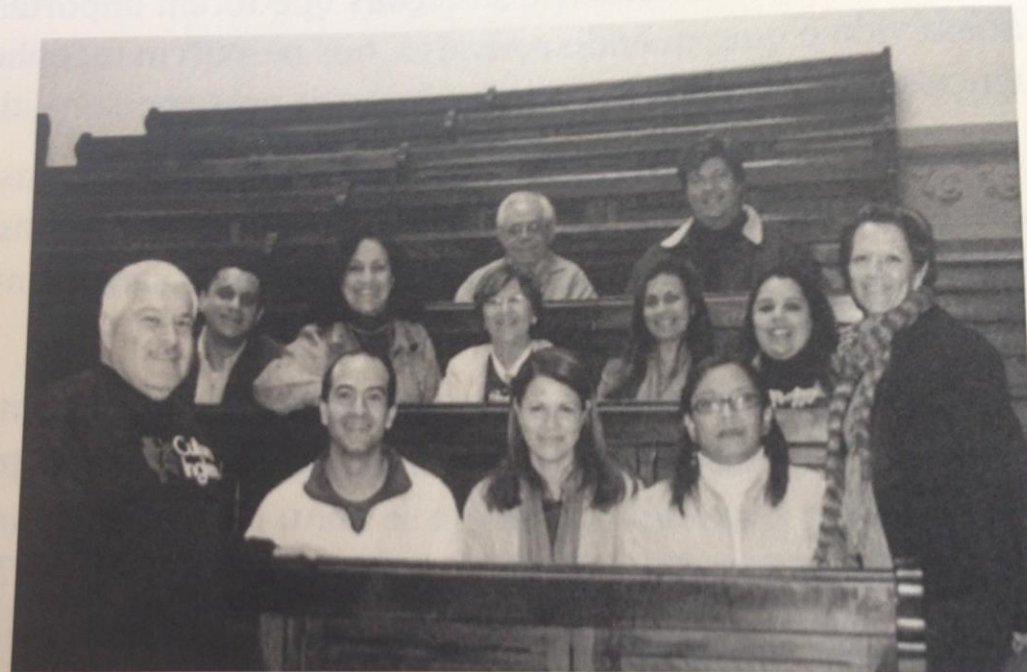


Foto 40: Eu sou a professora de óculos sentada na segunda fileira, no Centro Paula Souza, em São Paulo, onde trabalhei também como coordenadora de projetos. Aprendi muito participando dos trabalhos com alunos e professores.

Fonte: ALVES, em 2017.



Julia Falivene Alves, na primeira entrevista, em 25/04/2012.
Fonte: CARVALHO e RIBEIRO, 2014.



Fonte: CARVALHO e RIBEIRO, 2014.

JULIA FALIVENE ALVES concede uma segunda entrevista, em sua residência em São Paulo, para comemoração dos 45 anos do Centro Paula Souza, inclusa no programa *História Oral na Educação: memórias do trabalho docente*, difundida no link percurso histórico pelo site de memórias institucional:

www.memorias.cpsctec.com.br



Julia Falivene Alves, em 5/10/2014.

Fotografia de Maria Lucia Mendes de Carvalho

Fonte: CARVALHO, 2015.

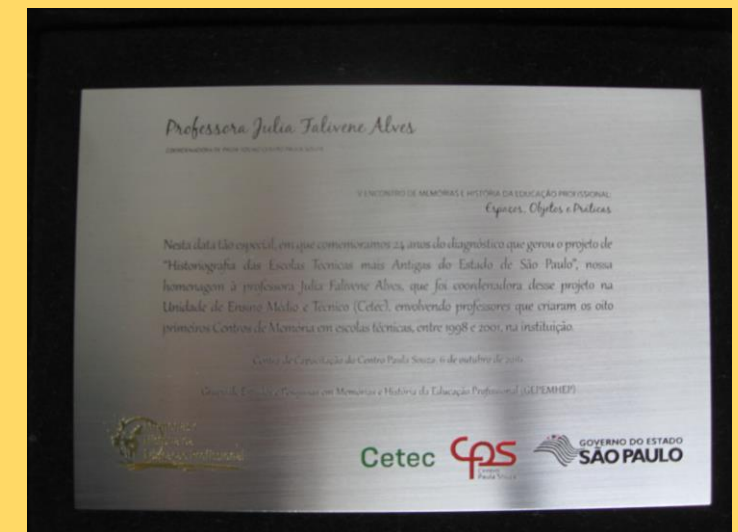


Homenagem às professoras do projeto de Historiografia

Carmen Sylvia V. Moraes
Julia Falivene Alves

Júlia Falivene Alves como professora de Formação Continuada em Práticas Pedagógicas, e é autora de diversos livros dos quais destacamos, neste momento, o livro "A prova-teste como instrumento de avaliação de cidadania e trabalho", de 2005. A leitura dessa obra permite-nos identificar a sua capacidade de articulação para o trabalho em equipe, e possibilita-nos compreender o processo de criação e implementação de cursos por competências na instituição.

À professora Julia Falivene Alves, rendemos a nossa homenagem pela contribuição na formação de professores e por compartilhar sempre conosco as suas práticas pedagógicas na Unidade de Ensino Médio e Técnico - Cetec, pois essas continuam orientando e estimulando os nossos "saberes e fazeres" no Centro Paula Souza.



JULIA FALIVENE ALVES conta sua história de vida da infância à idade da maturidade neste último livro



JORNADA
PATRIMÔNIO CULTURAL E TECNOLÓGICO
DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
NARRATIVAS DE CURRÍCULOS, DA ARQUITETURA
ESCOLAR AOS SEUS ARTEFATOS

Lançamento do livro nessa Jornada

São Paulo, 9 e 10 de Novembro de 2017



Publicação de Júlia Falivene Alves, em 2017.

JULIA FALIVENE ALVES conta sua história de vida da infância à idade da maturidade neste último livro

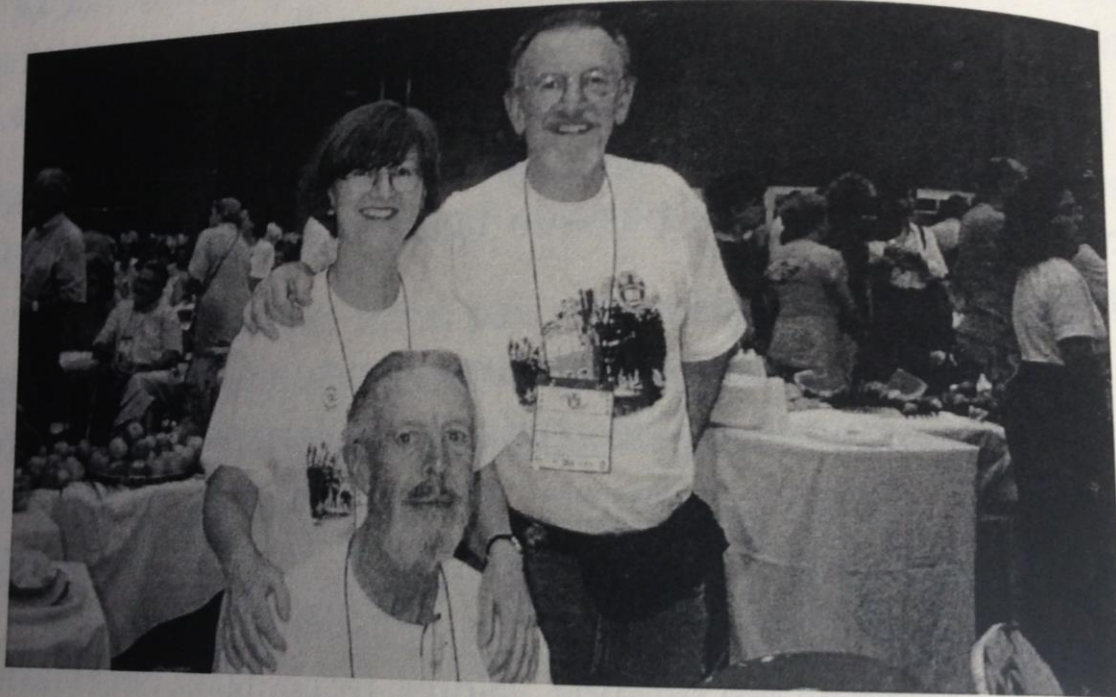


Foto 1. Eu na festa de Comemoração do Aniversário do Colégio “Culto à Ciência” de Campinas – SP, onde estudei dos 12 aos 18 anos. Comigo meus dois irmãos, que também foram alunos desse querido colégio: o Amilar, sentado, e o Luís ao meu lado.

Fonte: ALVES, em 2017.



Fonte: ALVES, em 2017.

Referências

ALVES, Júlia Falivene. **Metrópoles: cidadania e qualidade de vida**. São Paulo: Editora Moderna Ltda. (Coleção Polêmica), 1992.

ALVES, Júlia Falivene. Historiografia das Mais Antigas Escolas Técnicas Estaduais do Estado de São Paulo. **Revista Synthesis**, Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, n. 5, out. 1998, 31-38.

ALVES, Júlia Falivene. **Programa Profissão**. São Paulo: Centro Paula Souza, 1ª Ed. São Paulo: Copidart Editora Ltda, 2002.

ALVES, Júlia Falivene. **A invasão cultural norte-americana**. São Paulo: Editora Moderna Ltda. (Coleção Polêmica), 2ª Reformulação, 2004, 40ª Impressão, 2008.

ALVES, Júlia Falivene. **A prova-teste como instrumento de avaliação de competências**: princípios, elaboração, validação e possibilidades. Campinas: Editora Komedi, 2005.

ALVES, Júlia Falivene. BASSI, Carmen. **Ética Profissional e Cidadania Organizacional**. São Paulo: Editora Fundação Padre Anchieta, 2011.

ALVES, Júlia Falivene. **Avaliação Educacional**: da Teoria à Prática. São Paulo: Editora LTC, em 2013.

ALVES, Júlia Falivene. Poemas, Histórias vividas e reflexões da idosidade. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de. Entrevista com Julia Falivene Alves. In: CARVALHO, Maria Lucia Mendes de Carvalho. RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado (orgs). **História Oral na Educação**: memórias e identidades. Centro Paula Souza. 1ª Ed. 2014. Disponível em: <<http://www.cpscetec.com.br/memorias/arquivos/FalaEscritaCPSPBP.pdf>> 30 jun. 2015.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de. Entrevista com Júlia Falivene Alves em 5 de outubro de 2014. Disponível em: <http://www.memorias.cpscetec.com.br/historiaoraldocVer.php?cma=51&vol=2>
Acesso em: 27 maio 2020.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de. Percepção da educação pelo olhar da menina à professora e escritora de história. In: **XI Encontro Regional Sudeste de História Oral**. Dimensões do Público: comunidades de sentido e narrativas políticas. Universidade Federal Fluminense, de 8 a 10 de julho de 2015. Disponível em: <http://www.memorias.cpscetec.com.br/publicacoes/artigos/LuciaMCarvalho.pdf> Acesso em: 27 maio 2020.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de. Discurso de Abertura Solene. In: CARVALHO, Maria Lucia Mendes de (org.). Espaços, Objetos e Práticas. São Paulo: Centro Paula Souza, 2018.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; ALVES, Julia Falivene. (orgs.). Contribuição à Pesquisa do Ensino Técnico no Estado de São Paulo: Inventário de Fontes Documentais. Centro Paula Souza. 1ª Ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; ALVES, Julia Falivene. (orgs.). Álbum Fotográfico – Uma História em Imagens – Escolas Profissionais Públicas do Estado de São Paulo. Centro Paula Souza, 1ª Ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002a.

MOTOYAMA. S. (org). Educação Técnica e Tecnológica em Questão. 25 anos do CEETEPS – Uma História Viva. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

MOTOYAMA, Shozo. NAGAMINI, Marilda. Escola Politécnica, 110 anos construindo o futuro. São Paulo: Edusp, 2004.

Ficha Técnica

Diretora-Superintendente

Laura Laganá

Vice-Diretor-Superintendente

Emilena Lorezon Bianco

Chefe de Gabinete da Superintendência

Armando Natal Maurício

Coordenador do Ensino Médio e Técnico

Almério Melquíades de Araújo

Grupo de Capacitação Técnica, Pedagógica e de Gestão – Cetec Capacitações

Lucília Guerra

Coordenadora de Projetos-Cetec capacitações/POS/GEPEMHEP Curadoria

Maria Lucia Mendes de Carvalho



Realização:

GEPEMHEP – Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e História da Educação Profissional e Tecnológica

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paulo Souza

www.memorias.cpscetec.com.br



São Paulo, 8 a 14 de junho de 2020.

